

# De Caminha a Zé Carioca: invisibilidade, apagamento e silenciamento da identidade cultural indígena

## *From Caminha to Zé Carioca: invisibility, erasure, and silencing of indigenous cultural identity*

Cidiclei Alcione Biavatti<sup>1</sup>

André Luis Campanha Demarchi<sup>1</sup>

Leni Barbosa Feitosa<sup>1</sup>

Idemar Vizolli<sup>1</sup>

DOI: <http://dx.doi.org/10.20435/tellus.v0i42.678>

**Resumo:** Este artigo objetiva compreender, por meio de um estudo comparativo, como a identidade cultural indígena é representada nas narrativas apresentadas na Carta de Pero Vaz de Caminha e na revista em quadrinhos *Especial Brasil 500 Anos – Zé Carioca*, à luz de estudos antropológicos sobre identidade e processos culturais. Compreende-se que a revista é quase que uma ilustração contemporânea da carta de Caminha, uma vez que ambos retratam as diferenças culturais que há entre os povos indígenas e portugueses, representando a imagem do colonizador com fortes princípios morais, religiosos e de dominação, em oposição à imagem do nativo atrasado, sem cultura e ambição, estagnado no tempo à espera de quem explorasse seus recursos e potencialidades. As narrativas, textual e imagética, criam estereótipos que contribuem para a situação de invisibilidade, apagamento e silenciamento da identidade cultural indígena, sobretudo ao depreciá-la diante da cultura eurocêntrica do colonizador.

**Palavras-chave:** Carta de Pero Vaz de Caminha; revista em quadrinhos *Especial Brasil 500 anos – Zé Carioca*; apagamento e silenciamento da identidade cultural indígena.

**Abstract:** This article aims to understand, through a comparative study, how indigenous cultural identity is represented in the narratives presented in Pero Vaz de Caminha's letter and the comic book *Especial Brasil 500 Anos – Zé Carioca*, in the light of anthropological studies on identity and cultural processes. It is understandable that the magazine is almost a contemporary illustration of the letter of Caminha, since both portray the cultural differences

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Tocantins (UFT), Palmas, Tocantins, Brasil.

that exist between the Indigenous and Portuguese people, representing the image of the colonizer with strong moral principles, religious and domination, as opposed to the image of the archaic native, without culture and ambition, stagnant in time waiting for those who explore their resources and potentiality. The narratives, textual and imagetic, create stereotypes that contribute to the situation of invisibility, erasure, and silencing of indigenous cultural identity, especially by depreciating it in the face of the Eurocentric culture of the colonizer.

**Keywords:** Letter from Pero Vaz de Caminha; comic book *Especial Brasil 500 anos – Zé Carioca*; erasing and silencing the indigenous cultural identity.

## 1 INTRODUÇÃO

Pretensioso seria dar luz à formação da identidade de uma nação como o Brasil, miscigenado étnica e culturalmente, a partir do estudo comparativo entre uma revista em quadrinhos e a Carta de Pero Vaz de Caminha<sup>2</sup>. Entretanto almejamos com este artigo a compreensão, por meio de um estudo comparativo, de como a identidade cultural indígena é representada nas narrativas apresentadas na Carta de Pero Vaz Caminha, primeiro registro oficial sobre a chegada dos portugueses por essas paragens, e na revista em quadrinhos *Especial Brasil 500 Anos – Zé Carioca*, por ocasião do quingentésimo aniversário do descobrimento do Brasil, à luz de estudos antropológicos sobre identidade e processos culturais.

A carta escrita por Pero Vaz de Caminha ao então rei de Portugal, Dom Manuel, descrevia brevemente a jornada realizada por Cabral e sua esquadra até chegar ao novo território. Entretanto, após a ancoragem, o escrivão oficial passou a relatar de maneira detalhada os acontecimentos ocorridos nos dez dias em que a esquadra aqui permaneceu. Sua narrativa tem uma capacidade de projeção imagética interessante, como destaca Limberti (2012, p. 28), já que cria relação “de espaço (um lugar, o Brasil), de seus atores (seus habitantes, os índios), num determinado tempo (início do século XVI)”, ilustrando a percepção do europeu colonizador, criada a partir de seus referenciais contemporâneos.

Aspectos culturais, a aparência física dos habitantes nativos e a religiosidade são alguns dos pontos que Caminha destaca em sua correspondência à corte portuguesa. O registro do primeiro contato entre dois povos completamente

---

<sup>2</sup> Designado pelo rei para registrar a viagem de Pedro Álvares Cabral, que culminou com a chegada ao Brasil.

desconhecidos um ao outro é feito, em alguns momentos, com certa dose de espanto, que aos poucos vai se modificando com as estratégias adotadas pelos portugueses para aproximar-se dos indígenas. Wittmann (2015, p. 154) analisa esse primeiro movimento de aproximação “como um flerte, quando se age, apesar da insegurança do desconhecido”. Esse, diz a autora na sequência de seu raciocínio, “é um momento de dar-se a conhecer”, mesmo se sabendo que essas impressões construídas sobre o outro, via de regra, tendem a não corresponder fielmente com a realidade.

Já o conteúdo da revista em quadrinhos é composto por relatos históricos dos eventos oficiais sobre a chegada dos descobridores, ao mesmo tempo em que desenvolve uma trama centrada em José Manoel dos Calotes, ou simplesmente Zé Lusitano – personagem que descreveremos mais adiante –, um antepassado do personagem Zé Carioca, este último criado pelos estúdios de Walt Disney<sup>3</sup> no ano de 1942 e, de acordo com Cavalcanti (1977, p. 241), “personificando um brasileiro na figura de um papagaio”.

No ano de 1941, o mundo vivia sob os horrores da Segunda Guerra Mundial, que somente seria encerrada em 1945. Nesse contexto, surge Zé Carioca, a partir de traços identificadores de um comportamento social e cultural e, segundo Guazzelli Filho (2009), fruto de uma sucedida ação de relações públicas do governo norte-americano em promover uma política de boa vizinhança comercial e cultural com países da América Latina. Disney foi um dos convidados a participar do desenvolvimento dessa política, visitando o Brasil em 1941. Segundo Cappellari (2005), essa viagem originou uma animação chamada *Alô Amigos*, na qual Pateta<sup>4</sup> e Donald<sup>5</sup> fazem novas amizades pelo Brasil, Chile e Argentina, e marcou o nascimento oficial de Zé Carioca.

Em princípio, o que fica evidente sobre a personalidade atribuída ao personagem remete ao que aponta Sergio Buarque de Holanda (1995, p. 146), em seu livro *Raízes do Brasil*, para quem “a contribuição brasileira para a civilização será de cordialidade – daremos ao mundo o ‘homem cordial’”. Corroborando essa

---

<sup>3</sup> Walt Disney foi um produtor de cinema e televisão e *showman* americano, famoso como pioneiro dos filmes de desenho animado e como criador da Disneylândia (tradução livre) (BIOGRAHY, 2017).

<sup>4</sup> Criado pelos Estúdios Disney (GUIA DOS QUADRINHOS, 2017a).

<sup>5</sup> Personagem criado pelos Estúdios Disney (GUIA DOS QUADRINHOS, 2017b).

impressão, Santos (2002) chama atenção para outro filme de animação produzido na época, *Você já foi à Bahia?* (1944), em que Zé Carioca convida Donald para visitar a Bahia. Nele, conforme descreve o autor, o papagaio brasileiro é mostrado como um tipo falastrão, afetuoso, simpático e hospitaleiro.

Contrapondo, mas não criando antítese, e sim um acréscimo ao que se definiu acima como personalidade para o papagaio Zé Carioca, alguns traços, como a preguiça, a malandragem, a facilidade para desvencilhar-se de determinadas situações, são perceptíveis, sem, no entanto, configurar sua figura como mau caráter. DaMatta (1997, p. 269), em sua concepção de “malandro”, observa que esse tipo social cobre um espaço social complexo, em que, segundo o autor, “encontramos desde o pequeno gesto de sagacidade, que pode ser realizado por qualquer pessoa”, até o profissional dos pequenos golpes.

No enredo desenvolvido na trama descrita na revista, objeto deste estudo, José Manoel dos Calotes, o Zé Lusitano, é um antepassado de Zé Carioca e teria sido o primeiro europeu a pisar em terras brasileiras. Lusitano era muito conhecido em terras portuguesas principalmente pela aplicação de pequenos golpes. Em uma dessas armações, para fugir da perseguição de soldados que o perseguiam para capturá-lo a mando da rainha, acaba parando na esquadra comandada por *Dom Peru Álvares Cabral*<sup>6</sup>, que partia em direção à Índia, mas acabou “descobrimo” o Brasil. Os traços de personalidade citados na breve biografia de Zé Carioca são utilizados como se fossem intrínsecos, primeiro ao parente lusitano e, depois, pelo descendente brasileiro, como uma herança genética que se configura como a baliza identitária de um Zé “Brasileiro”.

## **2 IDENTIDADE CULTURAL INDÍGENA: INTERLOCUÇÃO DE CAMINHA E ZÉ CARIOCA**

*Contudo, o melhor fruto que dela se pode tirar parece-me que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar. [...] Quanto mais, disposição para se nela cumprir e fazer o que Vossa Alteza tanto deseja, a saber, acrescentamento da nossa fé! (Pero Vaz de Caminha, 1500).*

---

<sup>6</sup> Personagem que faz as vezes de Pedro Álvares Cabral na história em quadrinhos.

No dia 22 de abril de 1500, de acordo com o que conta a história oficial, aportou em terra desconhecida a esquadra portuguesa, que, supostamente, teria se desviado acidentalmente de sua rota original até as Índias. Em sua carta enviada a Dom Manuel, então rei de Portugal, Caminha (1963, p. 2) faz uma breve descrição do “gentio” que aqui habitava. O escrivão da frota os descreve como pardos e um tanto avermelhados, bem-feitos e com bons rostos e narizes. Não usam vestimenta, e isso, em absoluto, parece incomodá-los; nas palavras de Caminha, “nem fazem mais caso de encobrir ou deixar de encobrir suas vergonhas do que de mostrar a cara”. Essa definição superficial de Caminha longe está de ser tomada como um traçado da identidade étnica e cultural dos povos que aqui habitavam à época desse contato.

Hall (2003) observa que identidade cultural é presumivelmente absorvida desde o nascimento, como parte constituinte de nossa personalidade. Para Carneiro (2013), a questão da identidade e os elementos que distinguem os grupos sociais partem justamente das diferenças. O autor alerta, porém, que as sociedades e suas particularidades são constituídas por meio de processos de influência mútuas, por intermédio de suas relações com outras culturas. A partir dessa premissa, podemos supor que a identidade está sempre em construção.

A premissa anterior encontra eco em Funari e Piñon (2016, p. 20), quando os autores descrevem o pensamento anteriormente vigente de que identidade seria algo “único, evidente e imutável”. Transportando essa abordagem à perspectiva da trajetória e das transformações do “ser índio”, este deveria ser estático em sua cultura, em suas interações sociais, sob pena de deixá-lo de ser.

Fiorin (2010, p. 115) apresenta as condições para a caracterização da identidade nacional, construída “a partir de uma autodescrição da cultura”, sendo que a projeção da identidade do brasileiro é “criada pelo princípio da participação, da mistura”, sublinhando a reflexão de Holanda (1995), exposta anteriormente, sobre o brasileiro e sua capacidade de ser cordial, acolhedor e agradável.

Ribeiro (1995, p. 19) define a formação social brasileira como emergida do encontro, dos desencontros e da miscigenação do “invasor português com índios silvícolas e campineiros e com negros africanos”, criando, segundo palavras do autor, um “povo novo”, por se ver e ser visto como “gente nova”, mas ao mesmo tempo “velho”, por manter em sua estrutura a essência do “proletariado externo”, utilizado para gerar lucro à sua matriz, pelo seu papel de colônia.

Partindo de uma leitura direta e relacionada com a revista que este trabalho traz para o centro do seu estudo, buscaremos agora entender os meandros do primeiro contato entre Pedro Álvares Cabral e indígenas. Nesse episódio, Cabral oferece espelhos, colares e até uma joia de ouro como presente, tentando conquistar a confiança dos indígenas, que, entretanto, não aceitam. Aqui temos a *história* contrariando a história.

No relato de Caminha (1963, p. 1), os indígenas não só aceitam como também retribuem as ofertas portuguesas. Segundo o escrivão da esquadra, o responsável pelo encontro foi Nicolau Coelho<sup>7</sup>. Esse, conforme descrito na *carta*, “arremessou-lhe um barrete vermelho e uma carapuça de linho que levava na cabeça, e um sombreiro preto”. Em retribuição, os indígenas lhe deram “um sombreiro de penas de ave, compridas, com uma copazinha de penas vermelhas e pardas, como de papagaio<sup>8</sup>”. Mas o que mais chamou atenção de Caminha foi uma peça feita de contas, as quais pareciam pequenas pérolas, e que por aparentar ter valor deveria ser enviada ao rei.

Mostra-se oportuno buscar em Mauss (2003, p. 188), que trata da troca voluntária entre sociedades, elementos para refletir sobre o exposto acima. Para o autor, as trocas se constituem, quase como regra, em ofertas feitas de maneira generosa, “mesmo quando, nesse gesto que acompanha a transação, há somente ficção, formalismo e mentira social”. Entre sociedades arcaicas estudadas por Mauss, esse rito transcenderia para além de um modelo econômico, configuraria, sim, a confraternização entre povos que mantinham uma rotina de convivência.

---

<sup>7</sup> Navegador português (<http://cvc.instituto-camoes.pt/navegaport/g17.html>).

<sup>8</sup> Souza (2001, p. 67) narra sobre a formação do nome do Brasil, que, “após 1501, quando chegou do Oriente a armada de Cabral, a terra foi referida como Terra dos Papagaios”. Por ironia, Disney representou o brasileiro utilizando a figura de um papagaio para dar vida a Zé Carioca.

Figura 1 – Os presentes: Cabral oferece regalos aos indígenas



Fonte: *Especial Brasil 500 Anos – Zé Carioca* (2000).

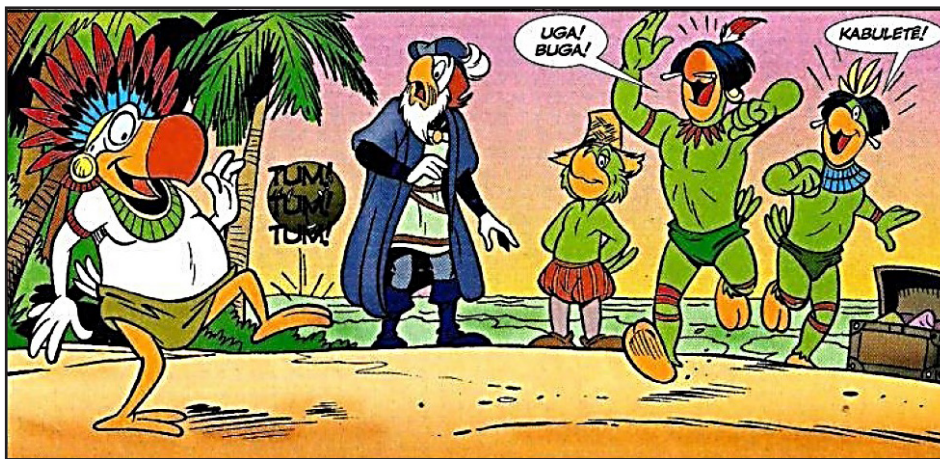
Observando o exercício da “dádiva”, na relação de troca entre “descobridores” e “descobertos” em 1500, por ocasião do ancorar dos primeiros aqui, o entendimento de Mauss (2003, p. 188) sobre “interesse econômico” explicita a descrição de Caminha (1963, p. 2), quando esse narra o folguedo de um indígena com um rosário e a suposta intenção dos portugueses em trocar a peça por ouro. A afirmação “isto tomávamos nós nesse sentido, por assim o desejarmos!”, denota a intenção projetada pelo escrivão.

Mas, na história em quadrinhos, que presente foi aceito pelos indígenas como prova das *boas intenções* portuguesas? Nesse ponto, Zé Lusitano mostra a Cabral que o que despertou sobremaneira o interesse dos nativos foi o futebol, embora esse tenha sido oficialmente inventado na Inglaterra, no século XIX<sup>9</sup>, chegando ao Brasil no mesmo período e, seguindo o raciocínio de DaMatta (1982, p. 15), tornou-se, “em menos de meio século, um autêntico esporte de massas”, tal foi sua assimilação pela sociedade brasileira.

<sup>9</sup> A origem do futebol moderno, tal como o conhecemos hoje, é a Inglaterra do século XIX. Mas jogos com bola, praticado com os pés ou com as mãos, têm registros muito anteriores, em diversas partes do mundo (LIMA, 2002).



Figura 2 – O futebol: Zé Lusitano *insere* o futebol na cultura indígena



Fonte: *Especial Brasil 500 Anos – Zé Carioca* (2000).

Demarchi (2014, p. 63), que realizou um estudo etnográfico junto aos Mëbêngôkre, mais conhecidos como Kayapó, no sul do estado do Pará, alude que o futebol faz parte da rotina nas aldeias, sendo visível nos jogos “uma interessante capacidade nativa de mimetizar as formas culturais e rituais dos brancos”, fato reforçado pelo autor ao descrever também a grande quantidade de camisetas de clubes futebolísticos usadas pelos indígenas.

O desfecho do episódio sobre o futebol na revista do Zé Carioca não poderia ser mais simbólico. Como descrito anteriormente, Zé Lusitano havia se antecipado a Cabral e tomado *posse* do recém-descoberto território, ignorando completamente a presença de habitantes. Cabral, percebendo o interesse dos nativos pelo esporte apresentado por Lusitano, decide desafiá-los para uma partida de futebol. O prêmio para o vencedor é o direito sobre a terra que esses habitavam.



Figura 3 – O futebol: a primeira partida de futebol entre Portugal e Brasil



Fonte: Especial Brasil 500 Anos – Zé Carioca (2000).

O resultado não poderia ser outro. Mesmo vencendo em campo, os indígenas foram derrotados, usurpados por um conjunto de regras criadas para beneficiar apenas um lado da disputa. De acordo com DaMatta (1982, p. 30-31), as regras dramatizam o jogo, e este cria uma separação densa e tensa entre “as regras do jogo e as vontades individuais” dos participantes. O autor acrescenta ainda que o resultado, vitória ou derrota, constitui-se em “metáfora para o jogo como destino e biografia, tema básico da própria sociedade”. Esse desenrolar instiga à reflexão sobre os presentes e o futebol, entre a troca social ocorrida entre descobridores e *descobertos*, em que os primeiros tomaram posse da maior dádiva que os últimos possuíam, a sua terra e as representações simbólicas e sagradas que essa encerra.

Os portugueses, ao chegarem ao Brasil, traziam suas próprias representações em seu extrato cultural, por meio de costumes e crenças, amparados por uma hierarquização social bem definida, com a nobreza e clero sobrepondo-se, naturalmente, à plebe. Holanda (1995, p. 35), ao descrever a formação dessas sociedades, observa que “toda hierarquia funda-se necessariamente em privilégios”. Aqui, necessário se faz destacar o papel da igreja na formação da *nação lusitana*, que, segundo define Menck (2011, p. 44), foi fundada no espírito das Cruzadas, ao findar da Idade Média, quando “a fé se serviu largamente das espadas para se estender e propagar a cristandade” e, como registra Limberti (2012, p. 37), a igreja assumiu em contrapartida “o papel de legitimar o caráter altruísta da expedição”, incluindo aí a empreitada que resultou no *descobrimento* do Brasil.

O registro de simulacros religiosos foi uma constante na história contada pelos portugueses sobre sua chegada ao novo mundo. O primeiro se relaciona com a festa de Páscoa, relatado na carta de Caminha (1963, p. 1) quando esse descreve o famoso grito dos marinheiros: *terra à vista!*, ao avistar um “morro redondo” que se destacava na paisagem e ao qual “o capitão pôs o nome de O Monte Pascoal”, provavelmente batizado pela proximidade com a celebração da páscoa pelos católicos.

A narrativa da celebração pascoal feita na revista do Zé Carioca diz que Cabral solicitou a sua tripulação que houvesse uma celebração especial pela passagem do dia sagrado. Na sequência, revela-se que o ritual representado não agrada nem um pouco o capitão-mor. Marinheiros vestidos de coelhinhos dançam e cantam em torno de um ovo gigante. Essa representação não conforma a celebração da Páscoa para os portugueses, que tinham nessa festa o simbolismo religioso como principal elemento.

Figura 4 – Páscoa: a celebração pelos portugueses em solo brasileiro

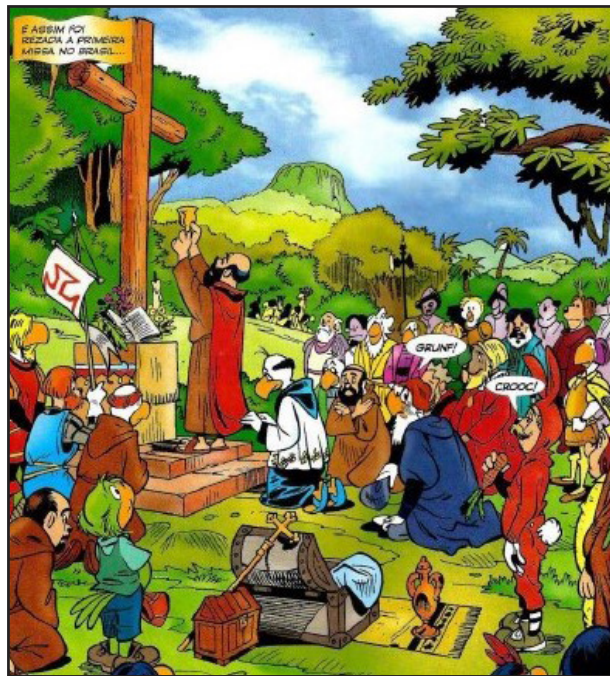


Fonte: *Especial Brasil 500 Anos – Zé Carioca* (2000).

Geertz (1989, p. 66-67) traz uma reflexão precisa de como as representações simbólicas ligadas à religiosidade conseguem “sintetizar o *ethos* de um povo”, quando destacamos, por ocasião do contato cultural entre portugueses e índios, como os primeiros priorizaram impor “[...] seu estilo e disposições morais e estéticos e sua visão de mundo”. Caminha (1963, p. 3) narra que a celebração da primeira missa pelos portugueses no novo território descoberto foi justamente no domingo de “Pascoela”, quando, “pela manhã, determinou o Capitão ir ouvir missa e sermão naquele ilhéu”, acrescentando ainda a notada devoção demonstrada pelos participantes.

Por outro lado, descontente com festa de Páscoa preparada pelos marujos, o Cabral da revista ordena que seja erguido um altar e celebrada uma missa. Essa é a forma encontrada para agradecer ao Deus católico pela descoberta e glorificar a passagem da Páscoa. A narrativa da revista retrata os símbolos religiosos do catolicismo, inseridos e integrados ao novo ambiente. Em primeiro plano, os nativos assistem com curiosidade ao evento, enquanto ao fundo destacam-se a cruz, o monte pascoal, frei Henrique, responsável pela celebração, e os portugueses ajoelhados, em sinal de submissão a seu Deus.

Figura 5 – A missa: primeira celebração religiosa em solo brasileiro



Fonte: *Especial Brasil 500 Anos – Zé Carioca* (2000).

A celebração dupla – a primeira missa e comemoração da Páscoa – expôs o espírito de devoção e, mais que isso, apresentou a uma civilização considerada atrasada moral e culturalmente, à figura central do cristianismo católico, Jesus Cristo. No juízo do conquistador, como observa Cunha (2009, p. 313), os povos que viviam nas áreas periféricas “não haviam conhecido a verdadeira religião ou a haviam perdido”. Aos colonizadores, com aval e participação da Igreja, cabia o encargo de tirá-los das “trevas”.

Essa percepção é corroborada por Morin (2010, p. 27), quando assevera que o mundo europeu, e “mais largamente o ocidental”, conceituava que sua civilização detinha toda a “razão e sabedoria”, enquanto os demais povos e nações carregavam em si apenas o pensamento amparado pela mitologia e superstição.

### **3 ESTEREÓTIPO, INVISIBILIDADE E SILENCIAMENTO DA IDENTIDADE CULTURAL INDÍGENA**

A construção de estereótipos culturais e étnicos nas duas fontes de narrativas estudadas também merece ser destacada. Na revista, especificamente, a condução da trama, que transita entre época presente e os acontecimentos do passado, traz à tona o tratamento dispensado e, de certa forma, a maneira como a sociedade reage e condiciona seu pensamento a esses fatos. Nela podemos perceber a idealização da beleza feminina e a construção de uma figura passiva e, por que não, pacata do indígena. No dicionário *on-line* Michaelis (2017), estereótipo é definido como imagem, ideia que categoriza alguém ou algo com base apenas em falsas generalizações, expectativas e hábitos de julgamento. Para Amossy e Pierrot (2010), são representações cristalizadas, amparadas por esquemas culturais já existentes, por meio dos quais cada indivíduo cria sua visão da realidade, de acordo com o ambiente que o cerca.

Quando começamos a ler a revista do Zé Carioca, logo em sua quarta página da sequência de ilustrações, há um quadro com a narrativa que envolve um diálogo entre Zé Lusitano e Vasco da Gama<sup>10</sup>. A conversa gira em torno de um mapa que Lusitano vendeu ao famoso navegador. Tal carta geográfica seria um caminho para as Índias<sup>11</sup>, contudo Vasco da Gama aportou em outro lugar, que

<sup>10</sup> Navegador português (1460-1524).

<sup>11</sup> A primeira viagem de Vasco da Gama à Índia se deu entre 1497-1499 ([www.mosteirojeronimos.gov.pt](http://www.mosteirojeronimos.gov.pt)).



não a Índia, sem, no entanto, chatear-se com o acontecido. O navegador mostra-se feliz por ter descoberto o *caminho das índias*, ilustrado por quatro garotas indígenas, utilizando vestimentas com motivos que remetem aos povos nativos norte-americanos. O ponto que queremos destacar é a representação imagética da mulher indígena, ingênua, mas com elementos que caracterizam sensualidade.

Figura 6 – As Índias: representação da mulher indígena



Fonte: Especial Brasil 500 Anos – Zé Carioca (2000).

Na visão do colonizador português descrita na carta, Caminha (1963, p. 3) delinea o primeiro contato com a mulher indígena. O escrivão conta que eram “três ou quatro moças bem novinhas e gentis”. Ainda segundo o relato, tinham “cabelos muito pretos e compridos pelas costas”, andavam nuas com “suas vergonhas tão limpas das cabeleiras” e não se envergonhavam por andarem assim e serem observadas.

É de se imaginar o impacto que esse evento causou nos portugueses, que tiveram de lidar com seus conceitos embutidos em sua carga cultural e religiosa, como explica Miranda (2003, p. 4), para quem “olhar masculino, europeu” é centrado no “controle e ocultamento do corpo”, em particular o feminino, considerado estimulador do pecado. Continua seu relato Caminha, descrevendo a visita de uma mulher “a qual esteve sempre à missa” e para quem lhe foi dado um “pano com que se cobrisse”. A tentativa mostrou-se inútil, já que a mulher não lembrava, por não ter costume, de estender o pano para se cobrir.

Caminha, nas vezes em que descreveu as mulheres indígenas, buscou parecer confortável pelo fato de elas se encontrarem nuas, não se furtando, no entanto, de destacar que uma delas tinha “sua vergonha tão graciosa que a muitas mulheres de nossa terra, vendo-lhe tais feições envergonhara, por não terem as suas como ela”. Nesse sentido, Tambke (2013, p. 141) discorre sobre “o estereótipo da mulher brasileira exótica e gostosa”, observando que essa projeção da mulher se apresenta “como um desdobramento dos tempos coloniais”, o que nitidamente nas duas fontes deste trabalho ficou destacado.

Vamos agora fazer um exercício na busca de deslindar como o português viu de fato o habitante das terras que havia *descoberto* em 1500. Em primeiro lugar, vamos ver como a revista do Zé Carioca tratou esse momento do encontro. Como descrito anteriormente, Zé Lusitano, utilizando-se da *malandragem*, conseguiu deixar a nau de Cabral sem ser percebido e rumou em um bote na direção daquela terra desconhecida. Refletindo novamente sob a conjectura de DaMatta (1997) sobre o mito de Pedro Malasartes, vemos em Zé Lusitano a mesma perspicácia de quem sabe extrair vantagem de momentos completamente adversos.

Figura 7 – A posse: Lusitano se adianta a Cabral e toma *posse* da terra



Fonte: Especial Brasil 500 Anos – Zé Carioca (2000).



Na sequência da história em quadrinhos, ao perceber que fora enganado, Cabral vai até a terra avistada a fim de tirar satisfações com Lusitano e tomar posse do território para a coroa portuguesa. Chegando, depara-se com os habitantes nativos e sua primeira reação é denominá-los de *selvagens*, em um misto de espanto e medo. Lusitano então esclarece que o capitão não precisa se preocupar, já que “é tudo gente boa!”.

Figura 8 – O indígena: a invisibilidade cultural



Fonte: *Especial Brasil 500 Anos – Zé Carioca* (2000).

Esmiuçando um pouco mais a versão oficial do *descobrimento*, no primeiro parágrafo de sua carta ao rei, Caminha (1963, p. 1) relatou como certa a posse do novo território por parte de Portugal, “posto que o Capitão-mor desta Vossa frota, e assim os outros capitães escrevam a Vossa Alteza a notícia do achamento desta Vossa terra nova”.

O desenvolvimento tecnológico das técnicas de navegação durante o século XIV abriu caminho para as viagens colonizadoras. Em uma sanha incontrolável, lançaram-se ao mar as principais nações do velho continente, tendo como intenção, como ressalva Ribeiro (1995, p. 39), estruturar o mundo em um só, comandado pela Europa. O autor observa também que “tudo isso com o fim de carrear para lá toda a riqueza saqueável”, explorando ainda toda a

capacidade produtiva dos povos dominados<sup>12</sup>.

Olhando para a colonização do Brasil, é perceptível a invisibilidade do índio durante o processo. A começar pela gênese do *descobrimento*, quando a posse do território foi concretizada mesmo em face da presença de habitantes aqui radicados anteriormente. E o desenrolar da história do Brasil não mudou esse quadro. No livro *A temática indígena na escola*, Funari e Piñon (2016, p. 110) creditam à “associação do índio com a floresta”, distante do convívio com a sociedade, o desconhecimento e a desvalorização da cultura ancestral desses povos e, por conseguinte, a sua condição de invisível perante a sociedade.

Foi por meio das descrições da carta que se vinculou a imagem do indígena com a imagem do território. Limberti (2012, p. 104) atribui a Caminha essa associação imagética, “a partir de um conjunto de significados produzidos” seguindo as representações simbólicas construídas em sua experiência do contato. A descrição de um povo que não arava a terra, tampouco criava animais, mas sim vivia em comunhão com a natureza, alimentando-se do que a terra os fornecia por espontaneidade, que se viu inserido em uma realidade completamente oposta a partir da convivência com o novo *brasileiro*.

Vainfas (2007, p. 37) descreve a história indígena no seio da colonização como “história de despovoamento”, marcada por “enganos e incompreensões”, começando pelo termo que identifica os povos que já aqui habitavam, cunhado erroneamente por Colombo ao chegar à América, julgando estar nas Índias.

Seguindo o mesmo entendimento, Terena<sup>13</sup> (MORIN, 2010) aponta que, quando da chegada de Cabral, quase 1.000 povos habitavam o território depois nomeado de Brasil. Agora, restam 200, e essa informação é desconhecida da maioria da população brasileira, que constrói uma imagem completamente deturpada do indígena, como define Terena (MORIN, 2010, p. 47), “uma imagem totalmente caricaturada”, alguém que, ainda na concepção de Terena, foi o grande mudo no decorrer dos 500 anos de Brasil.

---

<sup>12</sup> Ribeiro utiliza o termo conscrito para definir os povos contatados e recrutados pelos colonizadores, mas acreditamos que isso serviu apenas para tornar mais branda a prática exploratória dos colonizadores europeus.

<sup>13</sup> Líder indígena Xané.

Para Gomes (1988, p. 18), por mais que se relegue o indígena a uma condição de indiferença, a questão que evolve esses povos continuará existindo enquanto viver o último dos indivíduos que os represente. A questão indígena, segundo o autor, diz respeito à sua relação com esse “mundo que se criou a sua volta e à revelia” de sua vontade, transformando-o em um estranho em sua própria terra.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao andarilhar pela representação textual e imagética reverberada na carta de Caminha e na *Revista Zé Carioca* acerca da identidade cultural indígena, compreendemos que a revista é quase que uma ilustração contemporânea da carta de Caminha, uma vez que ambos retratam as diferenças culturais que há entre os povos indígenas e portugueses, representando a imagem do colonizador com fortes princípios morais, religiosos e de dominação, em oposição à imagem do nativo atrasado, sem cultura e ambição, estagnado no tempo à espera de quem explorasse seus recursos e potencialidade.

As narrativas, textual e imagética, criam estereótipos que contribuem para a situação de invisibilidade, apagamento e silenciamento da identidade cultural indígena, sobretudo ao depreciá-la diante da cultura eurocêntrica do colonizador, evidenciando sua existência exclusivamente ao interesse da coroa portuguesa, que passa a dominar os indígenas, decidindo sobre seu futuro e deveres *no novo território brasileiro*.

#### **REFERÊNCIAS**

AMOSSY, Ruth; PIERROT, Anne Herschberg. *Estereotipos y clichés*. Buenos Aires: Eudeba, 2010. (Colección Enciclopedia Semiológica).

BIOGRAPHY. *Walt Disney*. A&E Television Networks, 2017. Disponível em: <https://www.biography.com/people/walt-disney-9275533>. Acesso em: 20 maio 2017.

CAMINHA, Pero Vaz. *Carta a El Rei D. Manuel*. Dominus: São Paulo, 1963.

CAPPELLARI, Márcia Schmitt Veronezi. Zé Carioca, um brasileiro: reflexos da modernidade e da pós-modernidade na trajetória do personagem. *In: Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom*, 5., História em Quadrinhos. 5 a 9 de setembro de 2005, Rio de Janeiro. *Anais [...]*. Rio de Janeiro: UERJ, 2005. Disponível em: [www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R0670-1.pdf](http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R0670-1.pdf). Acesso em: 28 jun. 2017.

CARNEIRO, Neri P. Identidade e diferenças: para uma antropologia do eu e do outro. *Revista Brasileira de Ciências da Amazônia*, v. 2, n. 1, p. 112-26, 2013. Disponível em: <http://www.periodicos.unir.br/index.php/rolimdemoura/article/view/806/>. Acesso em: 27 jun. 2017.

CAVALCANTI, Ionaldo de Andrade. *Mundo dos Quadrinhos*. São Paulo: Ed. Símbolo, 1977.

CUNHA, Manuela Carneiro. “Cultura” e cultura: conhecimentos tradicionais e direitos intelectuais. In: CUNHA, Manuela Carneiro (Org.). *Cultura com Aspas e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify, 2009. p. 311-75.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DAMATTA, Roberto; FLORES, Luis Roberto Baêta Neves; GUEDES, Simone Lahud; VOGEL, Arno. *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1982.

DEMARCHI, André Luis Campanha. *Kukràdjà Nhipêjx: fazendo cultura - beleza, ritual e políticas da visualidade entre os Mëbêngôkre Kayapó*. 2014. Tese (Doutorado em Antropologia Cultural) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ, 2014. Disponível em: [https://www.academia.edu/27658203/Tese\\_de\\_doutorado\\_Kukradja\\_Nhipejx-Fazendo\\_cultura.pdf](https://www.academia.edu/27658203/Tese_de_doutorado_Kukradja_Nhipejx-Fazendo_cultura.pdf). Acesso em: 25 jul. 2017.

FIORIN, José Luiz. A construção da identidade nacional brasileira. *Bakhtiniana – Revista de Estudos do Discurso*, São Paulo, n. 1, jun. 2010. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/3002>. Acesso em: 20 jun. 2017.

FUNARI, Pedro Paulo; PIÑON, Ana. *A temática indígena na escola: subsídios para os professores*. São Paulo: Contexto, 2016.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOMES, Mércio Pereira. *Os índios e o Brasil: ensaio sobre um holocausto e uma nova possibilidade de convivência*. Petrópolis: Vozes, 1988.

GUZZELLI FILHO, Eloar. *Canini e o anti-herói brasileiro: do Zé Candango ao Zé – realmente – Carioca*. 2009. 190 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2009. Disponível em: [www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-16092009-205951/en.php](http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-16092009-205951/en.php). Acesso em: 25 jul. 2017.

GUIA DOS QUADRINHOS. *Pateta*. 2017a. Disponível em: [http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/pateta-\(goofy-\)/2374](http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/pateta-(goofy-)/2374). Acesso em: 21 maio 2017.

GUIA DOS QUADRINHOS. *Pato Donald*. 2017b. Disponível em: [http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/pato-donald-\(donald-duck\)/583](http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/pato-donald-(donald-duck)/583). Acesso em: 21 maio 2017.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG; Brasília, DF: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LIMA, Marco Antunes. *As origens do futebol na Inglaterra e no Brasil*. 2002. Disponível em <http://www.klepsidra.net/klepsidra14/futebol.html>. Acesso em: 22 jun. 2017.

LIMBERTI, Rita de Cássia Pacheco. *A imagem do índio: discursos e representações*. Dourados: UFGD, 2012.

MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a dádiva – forma e razão da troca nas sociedades arcaicas*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MENCK, José Theodoro Mascarenhas. A primeira missa no Brasil: a origem das relações Igreja Estado no sistema jurídico institucional brasileiro até o século XIX. *Cadernos Aslegis*, Brasília-DF, n. 44, p. 65-91, set./dez. 2011.

MICHAELIS. *Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 2017. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php>. Acesso em: 1º jun. 2017.

MIRANDA, Janira Sodré. Mulheres indígenas, igreja e escravidão na América Portuguesa. *Em Tempo de Histórias*, Brasília-DF, n. 7, p. 1-16, 2003. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/emtempo/article/view/20135>. Acesso em: 20 jul. 2017.

MORIN, Edgar. *Participa o de Marcos Terena*. Saberes globais e saberes locais: o olhar transdisciplinar. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro: a forma o e o sentido do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SANTOS, Roberto Elisio. Z  Carioca e a Cultura Brasileira. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICA O*, 25., 1  a 5 set. 2002, Salvador, BA. *Anais [...]*. Salvador, 2002.

Disponível em: [http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/Congresso2002\\_Anais/2002\\_NP16SANTOS.pdf](http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/Congresso2002_Anais/2002_NP16SANTOS.pdf). Acesso em: 15 jun. 2017.

SOUZA, Laura de Mello. O nome do Brasil. *Revista de História*, São Paulo, n. 145, p. 61-86, dez. 2001. ISSN 2316-9141. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/18919>. Acesso em: 2 ago. 2017.

TAMBKE, Erika. *Mulheres Brasil 40°*: os estereótipos das mulheres brasileiras em Londres. Espaço e Cultura, Rio de Janeiro, n. 34, p. 123-50, jul./dez. 2013. Disponível em <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/>. Acesso em: 28 jul. 2017.

VAINFAS, Ronaldo. História indígena: 500 anos de despovoamento. *In*: Brasil: 500 anos de povoamento. Rio de Janeiro: IBGE, 2007.

WITTMANN, Luisa Tombini. Ressonâncias de Caminha: revisitando uma fonte célebre. *Revista Fronteiras & Debates*, Macapá, v. 2, n. 1, p. 149-63, jan./jun. 2015. ISSN 2446-8215. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/index.php/fronteiras/article/view/2520/luisav2n1.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2017.

ZÉ CARIOCA. *Especial Brasil 500 anos*. São Paulo: Abril, edição especial, ano 1, n. 1, 2000. 84 p.

### **Sobre os autores:**

**Cidiclei Alcione Biavatti:** Mestre em Comunicação e Sociedade e graduado em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa Social (Gepes) – linha de pesquisa: Educação Indígena na Amazônia Paraense, na Universidade do Estado do Pará (Uepa). Atua, principalmente, nas seguintes temáticas: Comunicação e Imagem, Narrativas Gráficas, Charges, Quadrinhos, Comunicação e Pinturas Rupestres, História da Linguagem e da Comunicação, Imagem e Imaginário Indígena.  
**E-mail:** cidbiavatti@gmail.com, **Orcid:** <http://orcid.org/0000-0003-0122-1799>

**André Luis Campanha Demarchi:** Doutor em Antropologia Cultural e mestre em Sociologia e Antropologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Antropólogo e professor adjunto na Universidade Federal do Tocantins (UFT), no curso de Ciências Sociais. Membro fundador e coordenador do Centro de Referências em Cidadania e Direitos Humanos (CDH-TOC), na UFT, campus Tocantinópolis. Coordenador do Pibid Apinajé e do Projeto Kukràdjà Nhipêjx (Projeto de Documentação da Cultura Kayapó), realizado no Museu do Índio (Funai), com financiamento da Unesco. Desenvolve pesquisa



com os Mebengôkre-Kayapó. Atua nas áreas: etnologia indígena da Amazônia; arte indígena; antropologia da arte e dos rituais; antropologia urbana; educação interétnica; e teoria antropológica. **E-mail:** andredemarchi@uft.edu.br, **Orcid:** <https://orcid.org/0000-0002-9134-441X>

**Leni Barbosa Feitosa:** Doutoranda em Educação – Programa de Pós-Graduação em Educação na Amazônia (Educanorte), Universidade Federal do Tocantins (UFT). Mestre em Educação pela UFT. Membro efetivo da agremiação de escritores e escritoras da Academia Redencense de Letras (ARL); membro do Grupo de Estudos e Pesquisa Social (Gepes) – linha de pesquisa: Educação Indígena na Amazônia Paraense, da Universidade do Estado do Pará (Uepa); Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Matemática na Formação de Professores (Gepemfor) – linha de pesquisa: Educação, Diversidade e Interculturalidade, da UFT; e Grupo de Estudos e Pesquisas Territórios Indígenas e Etno-Envolvimento (GPTIE) – linha de pesquisa: Educação Escolar Indígena, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (Ifto). **E-mail:** lenifeitosa@hotmail.com, **Orcid:** <http://orcid.org/0000-0001-7333-5264>

**Idemar Vizolli:** Doutor em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Graduado em Ciências Naturais pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí), e em Matemática pela Universidade do Contestado (UnC). Professor adjunto da Universidade Federal do Tocantins (UFT), professor e orientador no Programa de Mestrado Acadêmico e Profissional em Educação na UFT e no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática (Ppgecem), na Rede Amazônica de Educação em Ciências e Matemática (Reamec). Coordenador estadual da Reamec. **E-mail:** idemar@mail.uft.edu.br, **Orcid:** <http://orcid.org/0000-0002-7341-7099>

Recebido em 27 de janeiro de 2020.

Aprovado para publicação em 6 de maio de 2020.

